

Alfredo Cunha

# **Alípio de Freitas**

## **Muitas vidas numa só**

# Serra de Montesinho, Trás-os-Montes (1929-1940)

Alípio Cristiano de Freiras nasce em Bragança, em 17 de Fevereiro de 1929, filho de um funcionário dos correios e de uma dona de casa, família sem privações, mas sem luxos. Ensinado pela mãe, quando entra na escola já sabe ler e escrever. Com a transferência do pai para Vinhais, é aí que conclui os estudos primários.

Transmontano, nascido e crescido nas faldas da serra de Montesinho, terra agreste e dura encostada à fronteira com Espanha, conheceu os camponeses pobres que trabalhavam de sol a sol e, nas oficinas à sua volta, bebia as imagens faladas de um Brasil distante ou a Constelação da Utopia, desvendada numa noite de céu estrelado.

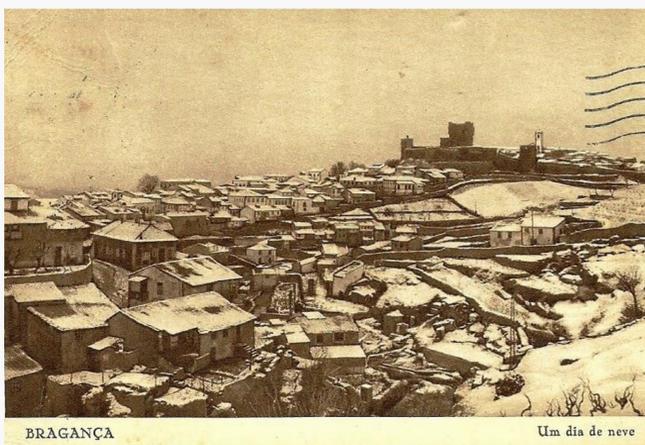
**“Como trabalhador, andarilho e militante frequentei outras escolas (...) e tive outros professores: as oficinas de ferreiro e mecânica do Alfredo e do «seu Manuel Brasileiro» e ainda as lições particulares do tio Baptista e do Tita. Todos tiveram grande importância naquilo que foi a minha vida”**



Alípio de Freitas com 3 anos em Bragança



Alípio com os pais



Bragança, um dia de neve



Mercado antigo de Bragança



# “A minha entrada para o seminário foi, apesar de tudo, providencial” (1940-1957)

Em 1940, com 11 anos, Alípio de Freitas entra para o seminário, como interno, ainda que vivesse a centenas de metros da casa de seus pais, onde ia apenas aos fins de semana.

**“Nenhum miúdo vai para o seminário por vocação. Eu fui porque queria continuar a estudar”**

**“O seminário não é um lugar de afectos. Não pode haver amizades particulares, não pode haver «o melhor amigo». Até há uma norma que diz: «Nunca um só, também não dois, sempre três», porque entre três a cumplicidade já é mais difícil”**

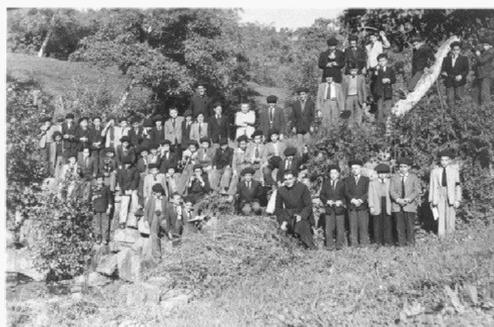
É no seminário que Alípio de Freitas, sem grande entusiasmo nem vocação, faz Humanidades, Filosofia e Teologia até ser ordenado padre, no Seminário Maior de S. José, Bragança, em 1952.



Alípio aluno do Seminário



Seminário de Vinhais



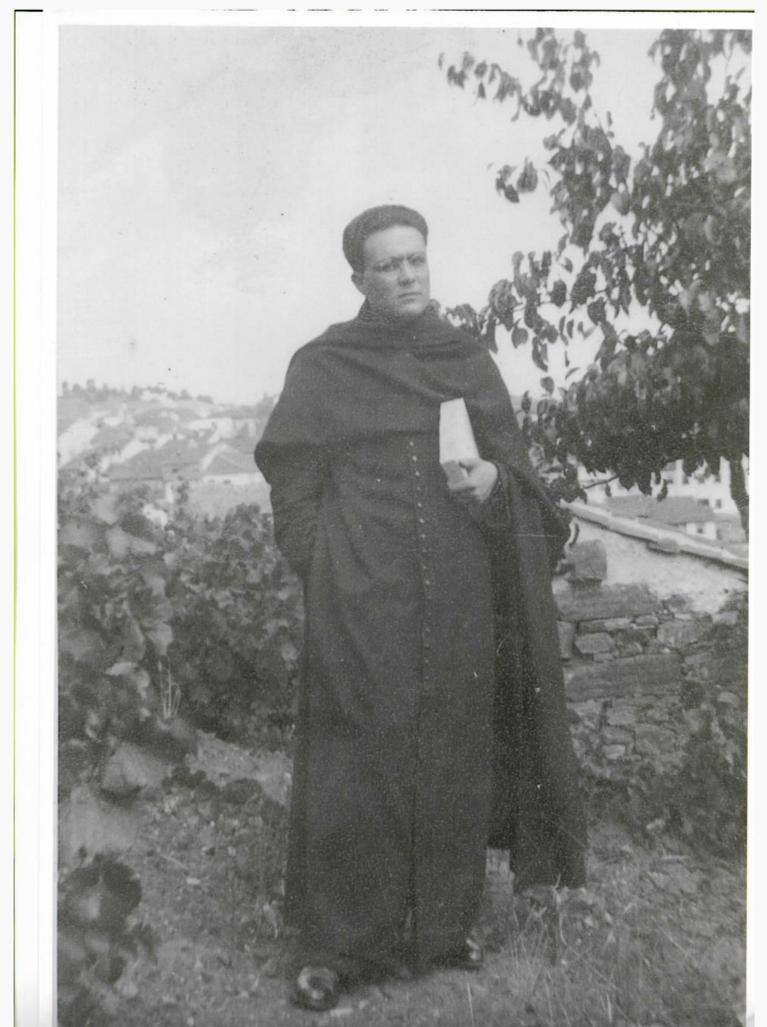
Grupo de alunos do seminário de Vinhais



Jogo de futebol de alunos do Seminário



Com a mãe, já ordenado padre



Padre Alípio de Freitas, Bragança, 1956

# Serra de Montesinho, Trás-os-Montes (1929-1940)

O seminário proporcionou-lhe o gosto pela leitura, pelo estudo, pela reflexão. Mergulhava nas obras integrais, chegando aos autores e aos livros proibidos pela Igreja – Espinoza, Campanella e outros. Fora do seminário, ainda aluno, é através de Tita, um camionista de Vinhais seu amigo, que conheceu o Avante!, o órgão do Partido Comunista Português, e, depois, alguns escritos de Marx, como o Manifesto Comunista, As lutas de classes em França... Abriam-se-lhe portas para o entendimento do mundo e da vida.

**“Continuei a acreditar em Deus, muito vagamente. Mas estava indignadíssimo com esse abuso de autoridade: a Igreja como autoridade acabou para mim nessa altura”.**

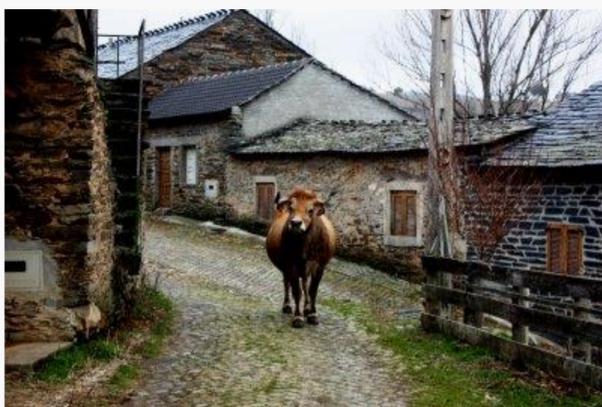
Já ordenado padre, foi capelão da Misericórdia, subdirector do jornal Mensageiro, vigário em Rio de Onor e Quadramil – a sua primeira grande experiência de vida, professor do patronato das artes e ofícios em Bragança. Quis ir para Timor, mas o seu destino seria o Brasil.



Com alunos do patronato de Artes e Ofícios



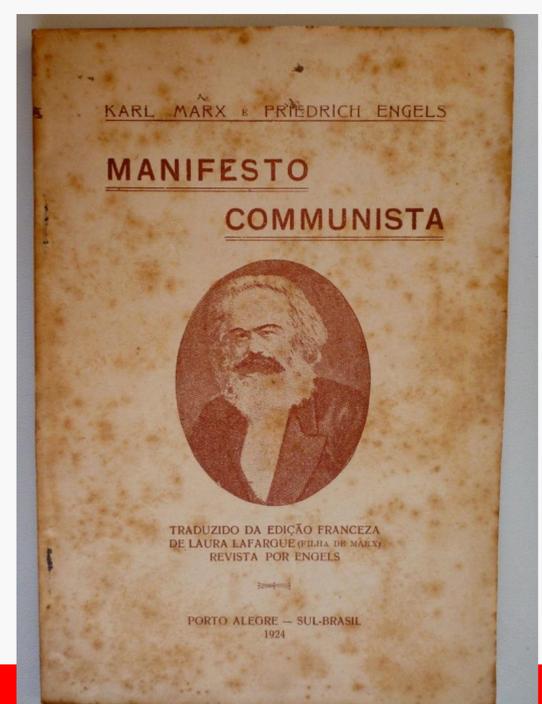
Aldeia de Quadramil



Aldeia de Rio de Onor



Avante!, órgão clandestino do PCP



Manifesto Comunista. Edição brasileira de 1924

# “Não é Lampião cangaceiro, É Alípio de Freitas, padre, político, guerreiro” (1957-1962)

Alípio de Freitas chega ao Brasil, a S. Luis do Maranhão, em Fevereiro de 1957. Começou por dar aulas na Faculdade de Filosofia de São Luís do Maranhão (hoje, Universidade Federal do Maranhão) onde foi capelão. Se antes conhecia a pobreza, a realidade circundante, no mangue, era de uma miséria absoluta. É aí que se embrenha.

Colabora na imprensa local, dá aulas nocturnas a trabalhadores, solidariza-se com operários, intervém publicamente, ajuda à formação de uma união de sindicatos, de associações de moradores num movimento que cresce por condições de vida e de dignidade humana. O padre da batina branca torna-se cada vez mais conhecido e reconhecido.

**“(…) quando me perguntam qual é a minha cidade eu respondo «S. Luís», porque ali é o meu «nascido» como gente política. Sinto que os meus pés, os meus amigos, a minha terra é lá. Lá criei raízes”.**

Em 1958, no dia da independência do Brasil, num acto solene a que assiste, um camponês, Augusto, ousa tomar a palavra: **“Hoje é o dia da Pátria, mas isso diz muito pouco ao povo, porque a maior parte do povo não tem pátria nenhuma. (...) Nós os camponeses não temos terra, não temos saúde, escola, transportes. Qual é a nossa pátria? Mas somos nós camponeses que morremos nas guerras para defender a pátria”.** Impressionado, Alípio conversa longamente com ele e sela-se aí o seu compromisso com a luta dos camponeses pobres do Brasil.



Alípio de Freitas, o padre da batina branca



Farol da Ponta da Areia, S. Luís de Maranhão



Alípio de Freitas em S. Luís de Maranhão



cartão postal  
coleção Allen Morrison

Praça João Lisboa, S. Luís de Maranhão



Alípio chega ao Brasil em 1957

# “Não é Lampião cangaceiro, É Alípio de Freitas, padre, político, guerreiro” (1957-1962)



Francisco Julião e as Ligas Camponesas



Com Augusto colabora na formação de associações de camponeses, que lutam pelos direitos dos pobres do campo, pondo em causa a estrutura fundiária. Ao mesmo tempo dá aulas de alfabetização, sob o lema “De pé no chão também se aprende a ler”. É a sua adesão às Ligas Camponesas, de Francisco Julião.

Torna-se pároco e vai morar para o Bairro da Floresta, um dos mais pobres de São Luís, numa casa de pau a pique – ripas de madeira unidas a barro, chão de terra com cobertura de folhas de palmeira, sem água nem luz. Criou posto médico, escola, sala de corte e costura. Usa a igreja de Santo Expedito para celebrar missa, banindo o latim, para que se fizesse entender. Na festa de Natal de 1961, organizou um presépio ao vivo, com a participação dos moradores, que representavam a Sagrada Família.

“(…) a filha de uma vizinha tinha tido um filho naqueles dias. Combinei com ela e o companheiro descerem naquele dia a rua num burro... a missa era na rua e em vez de se beijar o pé do Menino de barro, ia-se beijar o pé desse menino. Que era um pretinho. Isso foi o que mais scandalizou as pessoas de fora”.

Era a gota de água. A paróquia é-lhe retirada pelo arcebispo. Querem-no como capelão das freiras. Recusa e parte sem se despedir de ninguém, desolado.



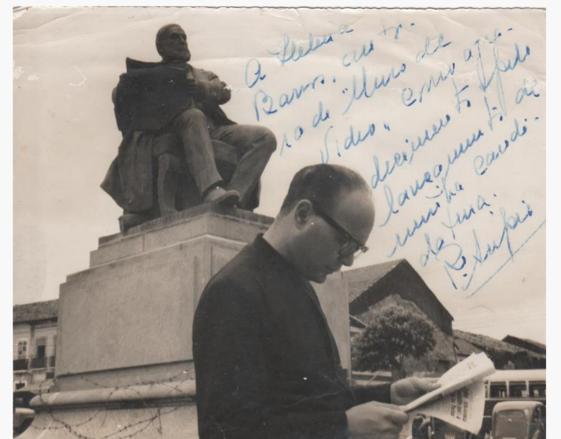
Manifestação das Ligas Camponesas



Alípio numa sessão com camponeses

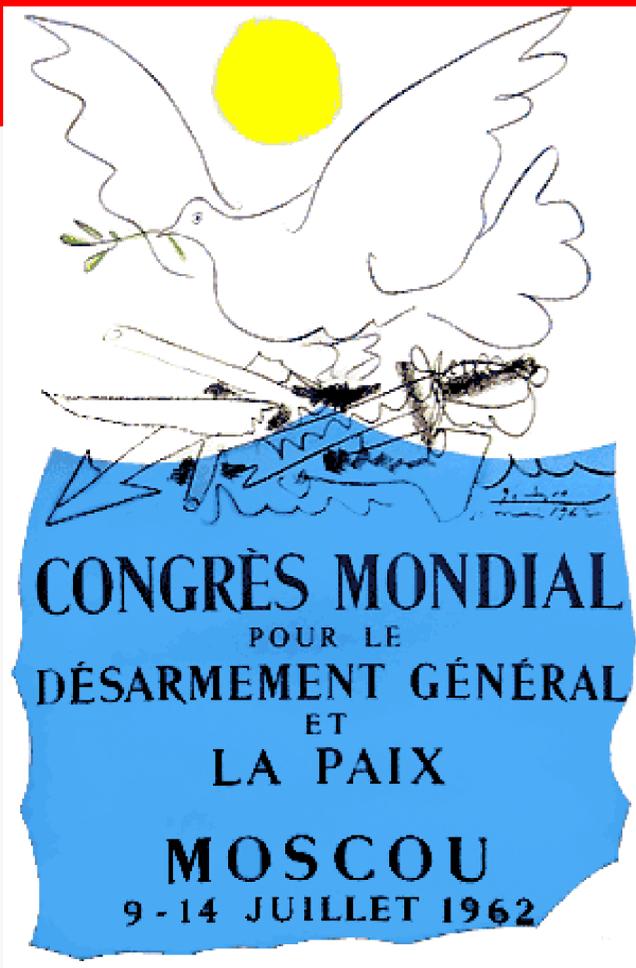


Liga. Órgão das ligas Camponesas, nº 1, Outubro de 1962



Alípio em S. Luís de Maranhão

# “Perdi um pequeno púlpito, mas ganhei todas as praças” (1962-1964)



Cartaz do Congresso de Moscovo, 1962



Sem actividade religiosa, chama a atenção ao discursar numa sessão de solidariedade com Cuba. Ainda que sem qualquer ligação ao Partido Comunista, é convidado para o Congresso Mundial pelo Desarmamento Mundial e pela Paz, na União Soviética, em 1962. Aceita. Conhece aí Pablo Picasso, Nikita Kroutchov ou Dolores Ibárruri, a lendária Passionária. É o único padre. Oficia missa na Igreja de S. Luis de França, único templo católico existente em Moscovo. Destaca-se pela batina branca.

A deslocação a Moscovo traz consequências. Desvincula-se formalmente da Igreja. Em carta aberta ao Arcebispo de S. Luís do Maranhão, depois amplamente difundida, escreve: “Perdi um pequeno púlpito, mas ganhei todas as praças”.

“Aceitei o Evangelho e não posso olhar para trás para dele não me tornar indigno. Serenamente continuarei ao lado do povo; no Rio, no Maranhão, em qualquer lugar do Brasil ou do mundo. Serenamente, na certeza de que o Evangelho dos nossos dias significa e se concretiza em Reforma Agrária, reforma universitária, reforma urbana, reforma de relações da indústria, luta contra o imperialismo político e económico, luta contra toda a espécie de opressão”

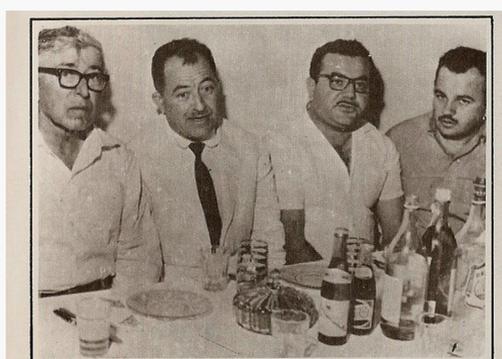


Pablo Picasso  
Igreja de S. Luis de França, em Moscovo  
Dolores Ibárruri (a Passionária)  
Nikita Khrushchov

Perdi um pequeno púlpito,  
mas ganhei todas as praças



O Padre Alípio em Moscovo, 1962



CAMPANHA ELEITORAL – OUTUBRO DE 1963. Da esquerda para a direita: fazendeiro José Colin, governador Miguel Arraes de Alencar, candidato a prefeito Celso Rodrigues e o deputado federal Lamarine Távora.



Carta ao Bispo de S. Luís de Maranhão

# “Perdi um pequeno púlpito, mas ganhei todas as praças” (1962-1964)



I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, 1961



Entrevista ao Jornal Última Hora, 7 de Junho de 1963



Entrevista ao Diário de Notícias do Rio de Janeiro, 16 de Julho de 1962



Ofício do Ministério dos Negócios Estrangeiros à PIDE sobre prisão de Alípio no Brasil



Em liberdade, mas na eminência de expulsão do país, obtém cidadania brasileira por Decreto Singular assinado pelo Presidente da República João Goulart e pelos ministros da Justiça e das Relações Exteriores. No Rio de Janeiro está na fundação da Federação das Associações de Favelas do Estado de Guanabara, de que foi presidente. Continua a colaborar com as Ligas Camponesas, de que foi o último secretário-geral. Colabora no jornal “Liga”, que dirige. Defende uma reforma agrária – “na lei ou na marra”.

“Foi um movimento radical que se tornou internacionalmente conhecido e que teve a influência colossal da revolução cubana, em 1959/60. Nós mandámos a Cuba centenas de camponeses que iam ver a reforma agrária. Quando voltavam vinham enlouquecidos... queriam a reforma agrária a todo o custo”

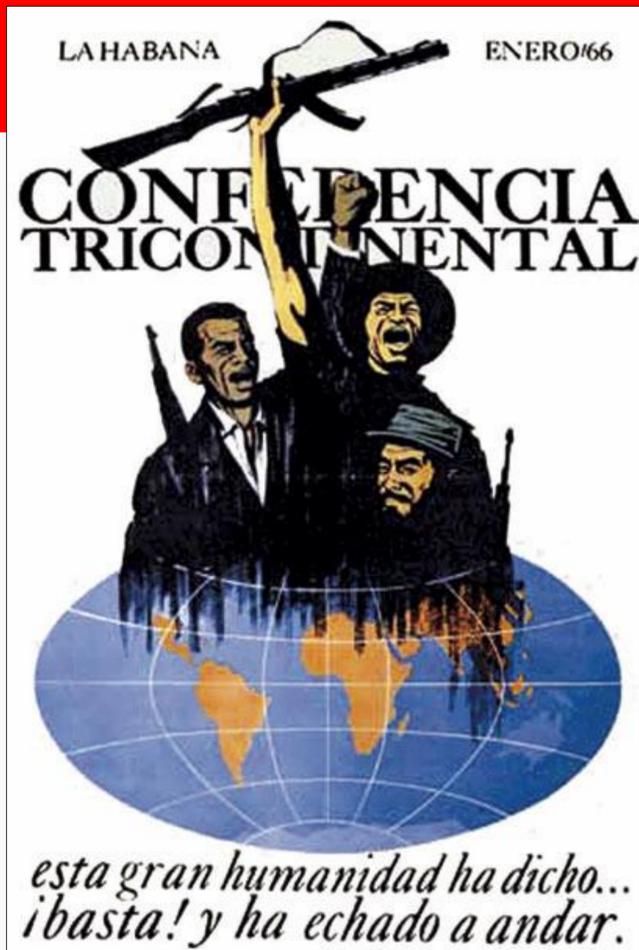
Acompanha de perto a constituição da Ação Popular, que congrega grande parte da esquerda católica, vindo a ser preso em 1962 na campanha para eleição do governador de Pernambuco, em que apoiou Miguel Arraes e de novo em 1963, a 2 de abril, em João Pessoa, na evocação do líder camponês João Pedro Teixeira pelo 1.º aniversário da morte. Não hesita em afirmar que, uma vez libertado, voltaria à luta, ao lado dos camponeses, dos sindicatos e dos estudantes. O movimento social radicalizava-se. Nos campos, os jagunços dos latifundiários assassinavam as lideranças camponesas, protegidos pela polícia. A resposta das Ligas foi inevitável, grandes manifestações e acções de justiça popular. Era uma guerra não declarada.

Foi secretário executivo da Frente da Mobilização Popular, que agrupava várias organizações de esquerda, liderada por Leonel Brizola. No entanto, a ditadura militar espreitava.



Slogan da luta pela Reforma Agrária

# A ditadura militar: Do Brasil a Cuba (1964-1966)



Primeira Conferência Tricontinental, Havana, Janeiro de 1966



Repressão sobre o movimento estudantil após o golpe militar de 1964



Che Guevara num curso de guerrilha em Cuba



Entrada vitoriosa dos revolucionários em Havana, 1959

O golpe militar de 1 de Abril de 1964, ferozmente anti-comunista e anti-popular, derrubou o governo de João Goulart, sem encontrar resistência significativa. As forças que se lhe podiam opor foram dispersando. Tornou-se necessário organizar a resistência dentro e fora do país. Alípio de Freitas, muito conhecido e odiado pelos militares, pediu, dias depois, asilo na embaixada do México, país para onde seguiu e onde esteve cerca de dois meses, colaborando com a revista Siempre!, transitando depois para Cuba, cuja revolução apoiava entusiasticamente.

Durante os dois anos em Cuba, contacta com Fidel de Castro e Che Guevara. De Fidel retém o seu perfil excepcional de revolucionário e dirigente internacionalista. Vive em Havana, recebe treino militar, juntamente com africanos, muitos das ex-colónias portuguesas, e gente de todo o mundo. Era a solidariedade com a luta de libertação dos povos de África, Ásia e América Latina, que impulsionaria em Janeiro de 1966 a Primeira Conferência Tricontinental de Havana e no ano seguinte a OLAS, Organização Latino-Americana de Solidariedade. Depois desta preparação militar e política, regressa clandestinamente ao Brasil, com breve passagem pela Argentina e pelo Chile.

**“O Che Guevara era de acesso difícil (...), um sujeito muito reservado. Era preciso fazer uma caminhada para chegar onde ele estava... Conversámos muitas vezes, cimentei com ele aquele tipo de amizade em que, mesmo não estando juntos, eu sabia que era companheiro dele e ele sabia que era meu companheiro”**

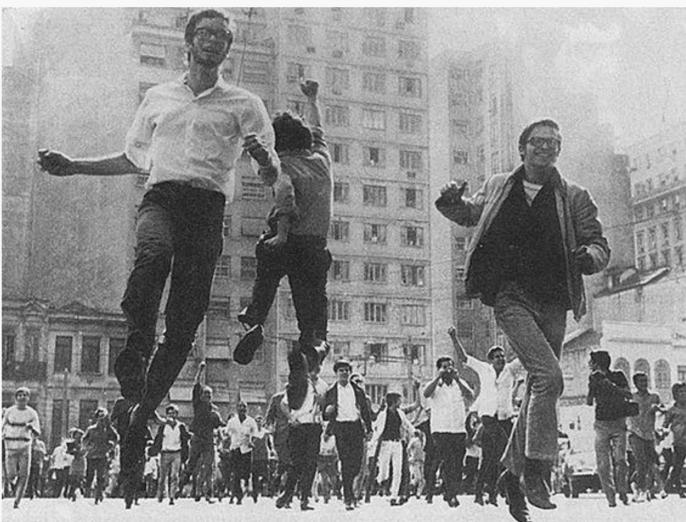


Fidel de Castro discursa no Primeiro Congresso Tricontinental



Fidel de Castro e Che Guevara, líderes da revolução cubana

# “Participei da luta armada revolucionária” (1966-1970)

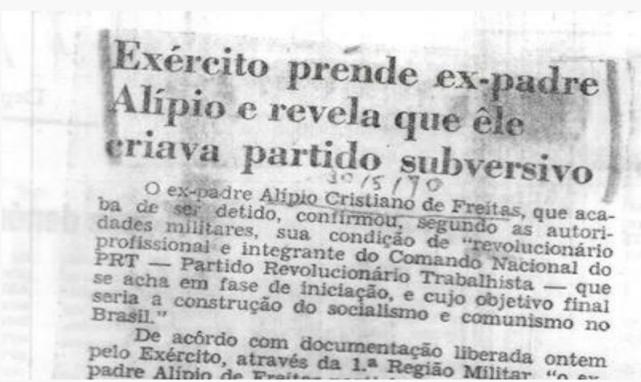


Manifestação estudantil da União Nacional dos Estudantes (Brasil)

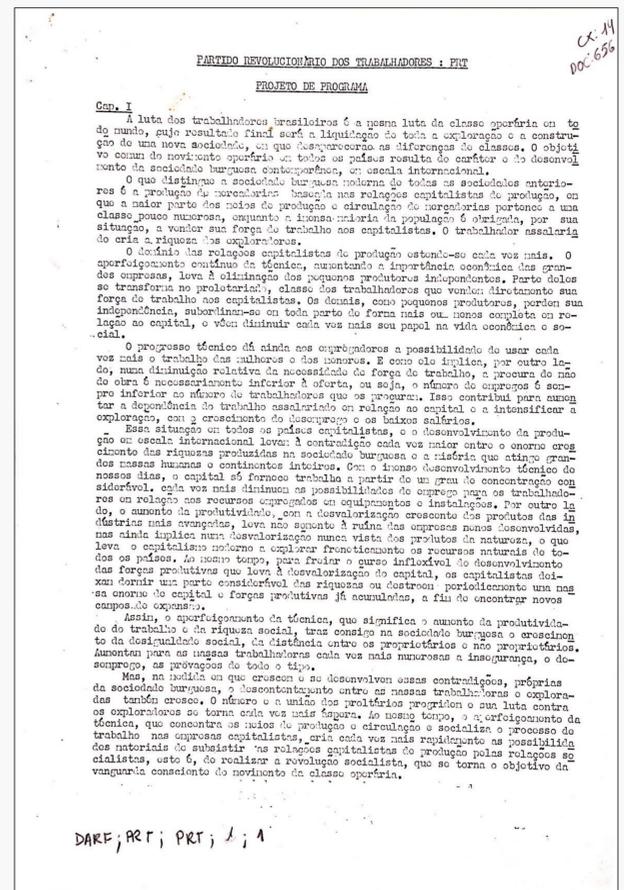
Regressa clandestinamente ao Brasil. Ligado à Ação Popular, trabalhando na organização da resistência contra a ditadura. Participou intensamente nos debates em torno da luta armada no Brasil. Actua em Brasília, S. Paulo, Rio de Janeiro, no Nordeste, deslocando-se pelo interior do país numa intensa actividade.

**“Aqui, participei da luta armada revolucionária, e contra a ditadura militar, e percorri grande parte do país, muitas vezes a pé. Conheci realidades que sedimentaram a minha convicção de contribuir para a construção de um mundo mais justo e solidário”.**

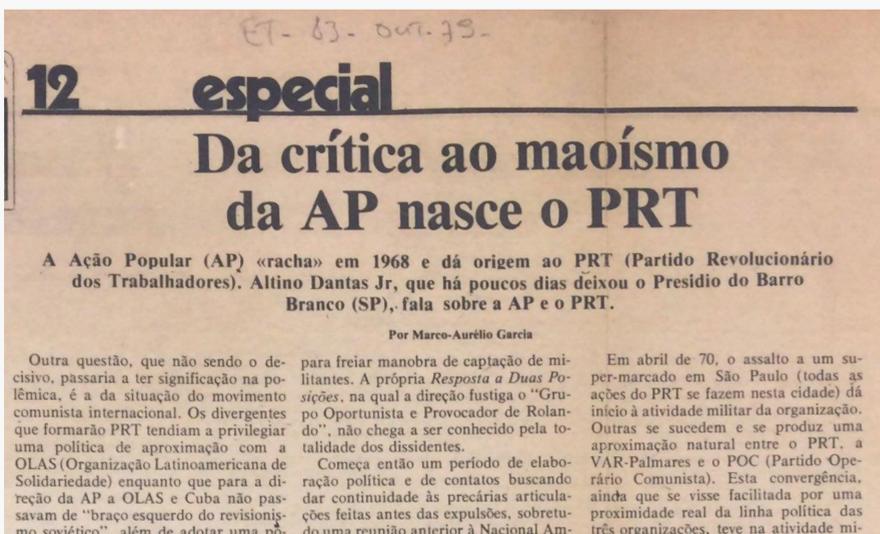
Divergências principalmente em torno das concepções sobre a luta armada levam-no a dissidir da Ação Popular e a fundar, com outros, o Partido Revolucionário dos Trabalhadores, de que se torna dirigente. É nessa situação que é preso em 18 de Maio de 1970.



Notícia da prisão de Alípio de Freitas. Jornal do Brasil, 30 de Maio de 1970



Programa do PRT



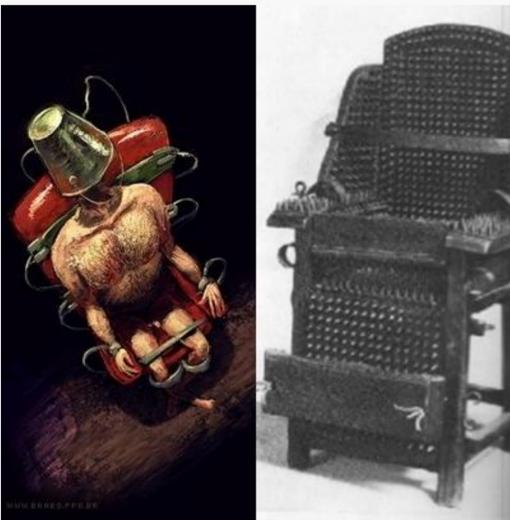
Notícia sobre a criação do Partido Revolucionário dos Trabalhadores



# “Por mil anos que viva...” (1970-1979)



Pau de arara



Cadeira do dragão



Alípio de Freitas é preso ao cair do dia, num subúrbio do Rio de Janeiro, num contacto de rua, que havia sido denunciado por um camarada, que, anteriormente detido, não aguentara a violência da tortura policial. Levado de imediato para o DOI-CODI — Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna, sofreria aí durante dias sucessivos agressões de toda a ordem – insultado, violentamente espancado, sujeito a choques eléctricos, à cadeira de dragão, simulação de afogamento, suspenso no pau de arara, para que prestasse declarações.

Decidiu que não revelaria nada, nem o nome, morrendo por isso, se necessário já que, ao contrário do que planeara, fora capturado vivo. E não verga, nem se submete. Às violências tremendas responde com insultos, com violência física também, surpreendendo os próprios agressores, numa irreverência corajosa e desassomburada, grangeando enorme admiração e respeito dos seus companheiros.

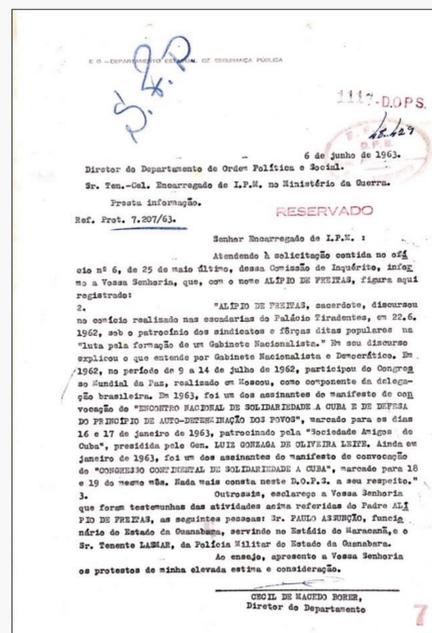
“Não consegui morrer: Foi só isso. Não consegui. Morrer não dependia de mim. Eles abriam-me a cabeça, chutavam-me, levavam-me inconsciente para a cela. Mas de manhã eu estava vivo. Percebi que aquela minha luta para morrer não era eficaz: «Chegou o tempo de ficar vivo. Então vou preservar-me». A minha boca cerrou-se e eles notaram essa diferença. Nem insultos, nem bom dia, nem boa tarde, nada. Não dizia mais nada”.



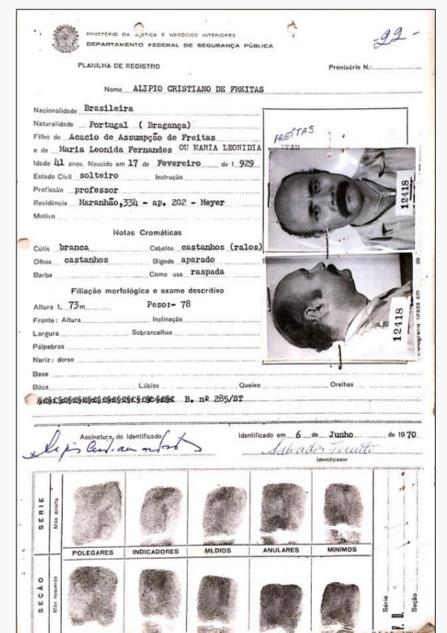
Foto de Alípio de Freitas na polícia após a prisão



Material apreendido a Alípio de Freitas



Informação policial



Ficha policial de Alípio de Freitas

# “Por mil anos que viva...” (1970-1979)

Alípio de Freitas é condenado pela justiça militar no processo em que é preso, mas também por processos anteriores a 1964, a que vão acrescer condenações administrativas num total de mais de 100 anos de prisão. Conhecerá as prisões de Tiradentes, Carandiru, Santa Cruz, Bangu, Frei Caneca, Ilha Grande e Hélio Gomes, além dos calabouços do DOI-CODI e do DOPS – Departamento de Ordem Política e Social de várias cidades, locais inóspitos, sobrelotados, onde os presos eram sujeitos a regimes prisionais terríveis, à despersonalização, à censura da correspondência pessoal, da imprensa, de livros, ao isolamento.

“Jamais, por mil anos que viva, a lembrança desses dias pavorosos se apagará na minha memória. Lá aprendi duas duras e inesquecíveis verdades. A primeira é que nada, nada mesmo, nem ninguém, pode roubar de um homem a sua dignidade e a sua fé no ideal que abraçou e se transformou na sua razão de viver, desde que esteja disposto a morrer por ele. A segunda é que a prática da tortura envilece tanto o torturador que, de sua condição de homem, mal resta a aparência. Nem as bestas torturam”.

Em todos os presídios por onde passou, entre torturas e humilhações, resistiu e trabalhou pela organização dos presos, fossem políticos ou de delito comum, promovendo o estudo, tecendo redes orgânicas informais de entreaajuda e solidariedade, desencadeando formas de luta contra as condições prisionais, recorrendo à greve da fome, fazendo da prisão uma frente de luta pela liberdade e pela dignidade humana.

SN 3935  
C)

FREITAS ALÍPIO CRISTIANO-DE

Nome falso: GUILHERME NAVARRO

filho de Acácio D'Assunção de Freitas e Maria Leonira Fernandes, natural de Bragança-Portugal, brasileiro naturalizado, nascido em 16.02.1929, Professor Universitário, residente à R. Maranhão 334- Bairro do Mayer/RJ

- Ficha revisada em 13.11.80-

Em 23.11.62 proferiu um conferência no Sindicato dos Gráficos a R. Rua da Figueira 233.-. Primeiramente falou sobre a sua prisão que durou sessenta e quatro dias, nas dependências de 4º Exército.-. Que se encontrava bastante satisfeito por ter recebido o título de cidadão brasileiro.-. Sua conferência foi inteiramente de caráter subversivo, terminando por dizer que não acreditava em reformas de base e a tomada de poder pela força.-. Achava-se presente o Dep, DID FRANCO

Doc. na pasta Estudantes - Pasta 02 - Doc. 57 - fls 05

Informação do DOPS



Grupo de presos políticos



Alípio preso



Alípio na sua cela com a filha, Luanda Cozetti

# “Por mil anos que viva...” (1970-1979)

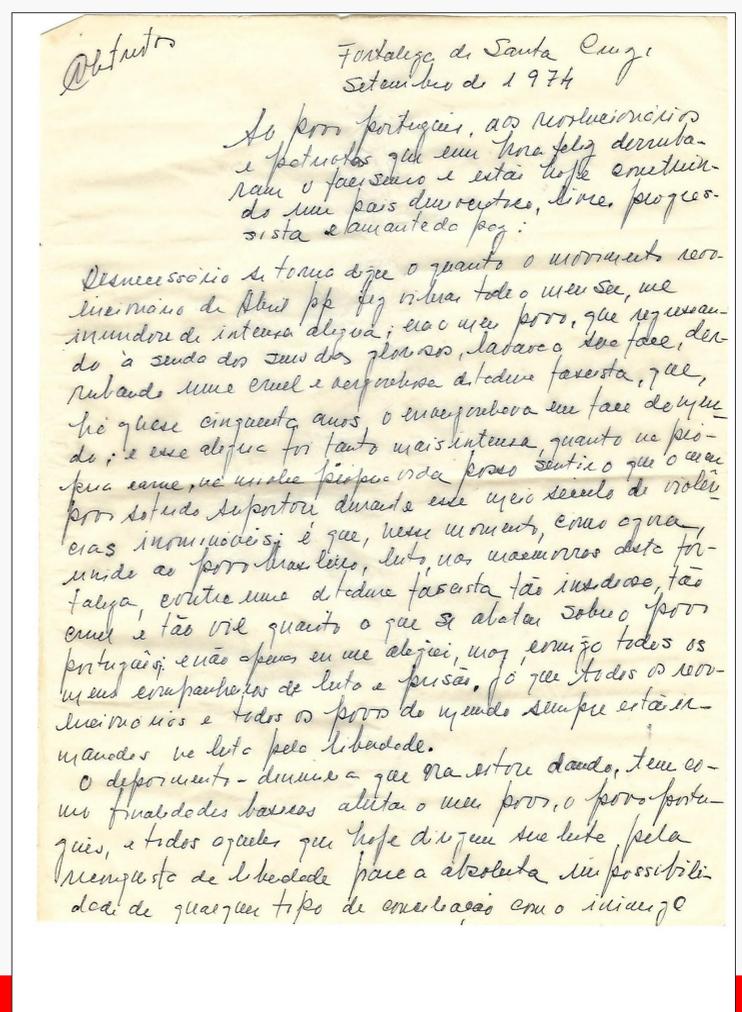
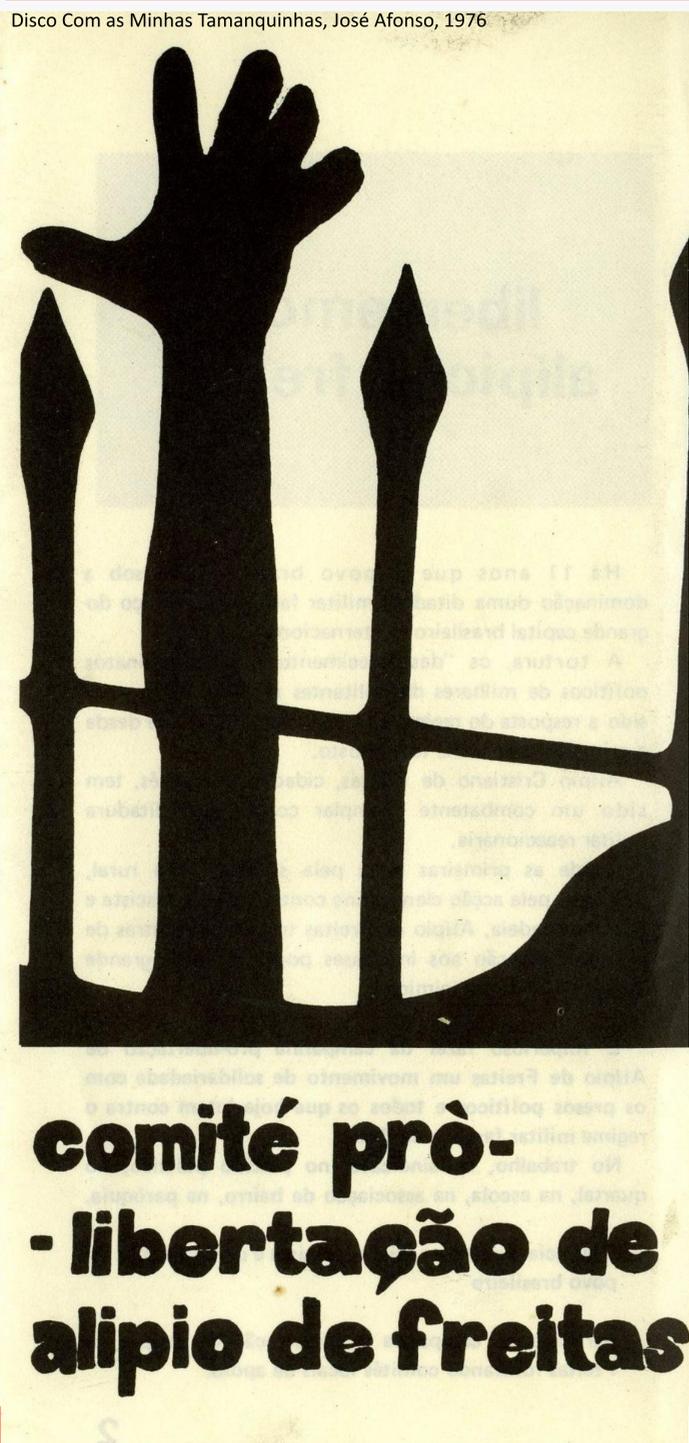
Com a evolução da ditadura militar no Brasil, Alípio foi procurando explorar as brechas e contradições, no sentido da sua libertação. A determinada altura instauraram-lhe um processo de expulsão, mas era necessário que o governo português pedisse o seu repatriamento, o que não sucedeu e a situação foi-se arrastando.

Alípio de Freitas escreve em setembro de 1974 uma carta aberta ao povo português, onde diz que **“o depoimento-denúncia que ora estou dando tem como finalidades básicas alertar o meu povo, o povo português, e todos aqueles que hoje dirigem sua luta pela reconquista da liberdade para a absoluta impossibilidade de qualquer tipo de conciliação com o inimigo”**. Desenvolve-se então uma grande campanha de solidariedade pela libertação de Alípio de Freitas e dos presos políticos brasileiros.

José Afonso tomou conhecimento desta carta e foi particularmente importante a canção que dedicou a Alípio de Freitas, assim mesmo intitulada, que integrou no disco **“Com as minhas tamanquinhas”**, de 1976, que permitiu amplificar muito para além das fronteiras do Brasil a sua vida e a sua acção como lutador pela liberdade e pela justiça social.



Disco Com as Minhas Tamanquinhas, José Afonso, 1976



Carta de Alípio de Freitas, preso no Brasil, ao Povo Português

# “Saí da prisão como apátrida...” (1979-1980)



Alípio em liberdade no Rio de Janeiro

JORNAL DO BRASIL □ Domingo, 18/2/79 □ 1º Caderno

Foto de Basílio Calazans

Alípio saiu ao lado da mulher, Guaraciara

## Ex-Padre Alípio, é solto beneficiado com redução de pena pela nova LSN

Sorrindo sempre e beijando a todos que foram esperá-lo, o ex-Padre Alípio Cristiano de Freitas, preso desde 1970, foi solto ontem, beneficiado com redução da pena pela nova Lei de Segurança Nacional. Sua saída era esperada desde sexta-feira, mas ele só foi liberado do Presídio Milton Dias Moreira às 12h20m, quando chegou a escolta que o levou para depor na Polícia Federal.

O ex-Padre tinha que cumprir formalidades num processo, arquivado desde março de 1975, de expulsão do país — ele é português de nascimento e naturalizou-se brasileiro em 1962. Na Polícia Federal, não pôde depor por falta de xerox e seu advogado, Sr Sérgio Fragoso, teve que assinar um termo de responsabilidade comprometendo-se a voltar com ele amanhã para o depoimento.

**ESCOLTA CHEGA** tido Revolucionário dos Trabalhadores após retomar

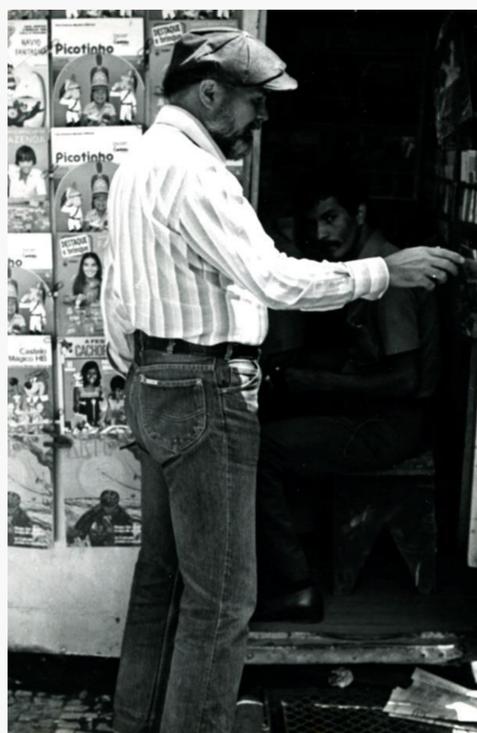
Notícia da libertação de Alípio de Freitas, Jornal do Brasil, Fevereiro de 1979

Alípio de Freitas foi libertado da prisão de Frei Caneca, no Rio de Janeiro, em 17 de fevereiro de 1979, dia do seu 50º aniversário. A sua pena fora revista por ter sido revogado o quadro penal que o condenou. À saída era esperado por um batalhão de jornalistas.

“Tenho boas relações pessoais com o Clero, mas minha posição ideológica é muito diferente hoje. Vou ter que fazer alguma coisa para viver, mas vou fazer política. Sempre fiz política e é evidente que é minha opção de vida”

Não obstante, retiraram-lhe a cidadania brasileira. Munido de um bilhete de identidade que o dava como cidadão português, o passaporte é-lhe negado no consulado, pois ao naturalizar-se brasileiro perdera essa condição. Tornava-se apátrida e só consegue passaporte por diligência voluntariosa do cônsul-geral do Brasil no Rio Grande do Sul. Quando, depois, vem a Portugal é que conseguirá corrigir a situação, adquirindo dupla nacionalidade.

Intensamente vigiado pela polícia, recusada a readmissão na Universidade do Maranhão, impossibilitado de recuperar a carteira profissional de jornalista, vendeu roupa no Largo da Carioca, no Rio de Janeiro e só dificilmente conseguiu trabalho informal no jornal “Tribuna da Imprensa”. Tornava-se difícil a readaptação à vida em liberdade.



Alípio em liberdade

Entrevista a Maria Carolina Falcone Foto de Ricardo Coelho

## “Nossa opção pela luta armada estava certa”

“Em 1964 houve um golpe de Estado. A vida política brasileira ficou reduzida aquilo que aqueles que detêm o poder, queriam. Não havia nenhuma abertura para restaurar a democracia no Brasil, que não fosse a luta armada. Estrategicamente estávamos certos, mas inicialmente não conseguimos encontrar essa luta. Foi por uma coincidência da forma como encontramos essa luta, mas não da propensão ideológica da luta armada.” A afirmação é do ex-padre Alípio de Freitas, ex-líder do Bristle e preso, que está sendo libertado pelo órgão de segurança. Alípio se propôs a escrever sobre o uso da tortura pelo sistema repressivo em 64, mas a comissão da Justiça Militar “Organizador do movimento dos Líderes Camponeses no Nordeste, Alípio de Freitas, que durante nove anos peregrinou pelos apetrechos da repressão brasileira, tendo sobrevivido à tortura, foi solto em 1979, depois de ter cumprido todas as penas impostas pela Justiça Militar.

Entrevista a Maria Carolina Falcone Foto de Ricardo Coelho

Alípio de Freitas, jornalista e escritor

Entrevista à imprensa, 1981

# “Saí da prisão como apátrida...” (1979-1980)

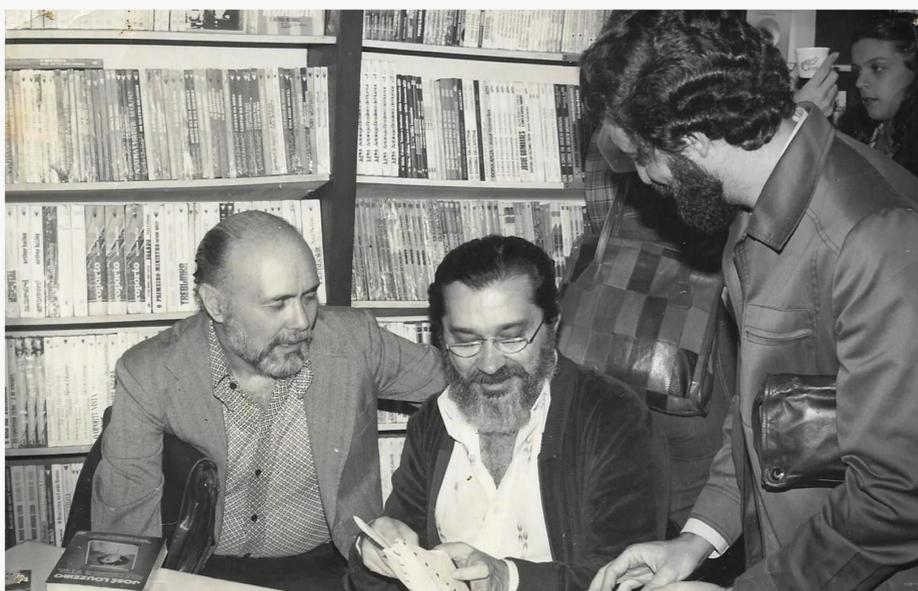
Logo que sai da prisão, mas no sufoco de uma liberdade vigiada, Alípio de Freitas dispõe-se a denunciar a sua experiência prisional. Em dois meses escreve “Resistir é Preciso – Memória do tempo da morte civil do Brasil”, editado pela Record em 1981.

**“(...) quando o publiquei o pessoal disse «Vais ter problemas com o livro porque tem nomes de pessoas que nunca ninguém denunciou». Perguntei: «O que é que pode acontecer? Dão-me um tiro na rua e acabou-se. Mas vou ter de fazer isto». E fiz. Tanto que a primeira editora, depois de o ler, não o quis editar e a Record é que o editou. Este livro foi importante, porque serviu de prova para muitos casos de presos cujos documentos tinham desaparecido”.**

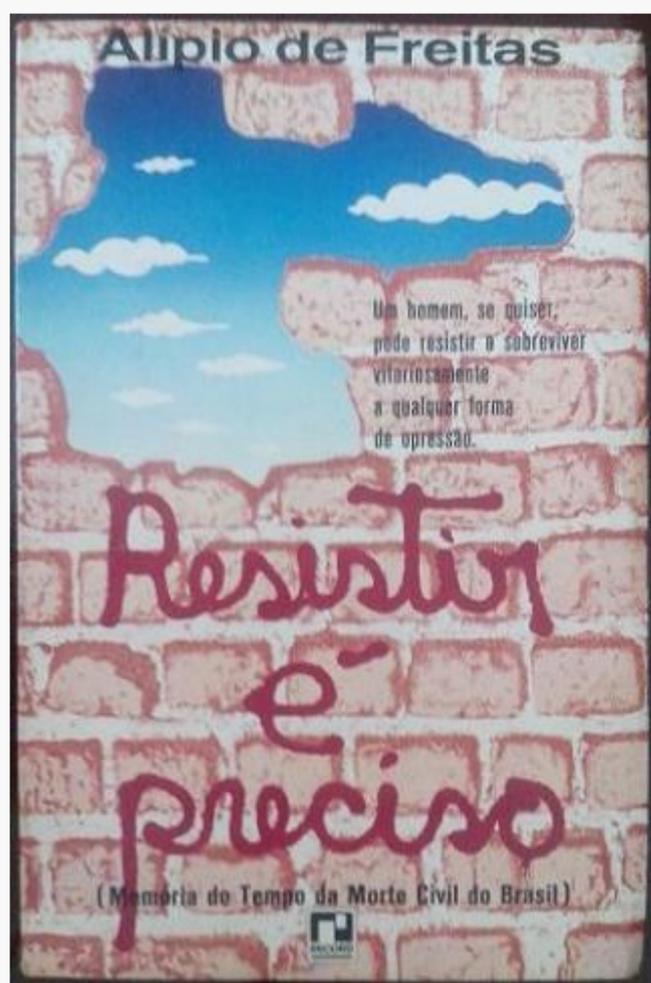
“Resistir é preciso”, que teve 18 edições no Brasil, é o primeiro livro de denúncia da tortura e da violência policial da ditadura militar. Mas é também um poderoso instrumento da memória, tornada arma para que não se esqueça e sobretudo para que não volte a acontecer.



Alípio de passagem por Portugal



Lançamento do livro de José Couceiro “Em Carne viva”



Capa da 1ª edição de Resistir é Preciso

# Moçambique: Voltar ao contacto com a terra e os camponeses (1980-1983)



Reunião de cooperantes em Moçambique



Com a população na ilha de Josina



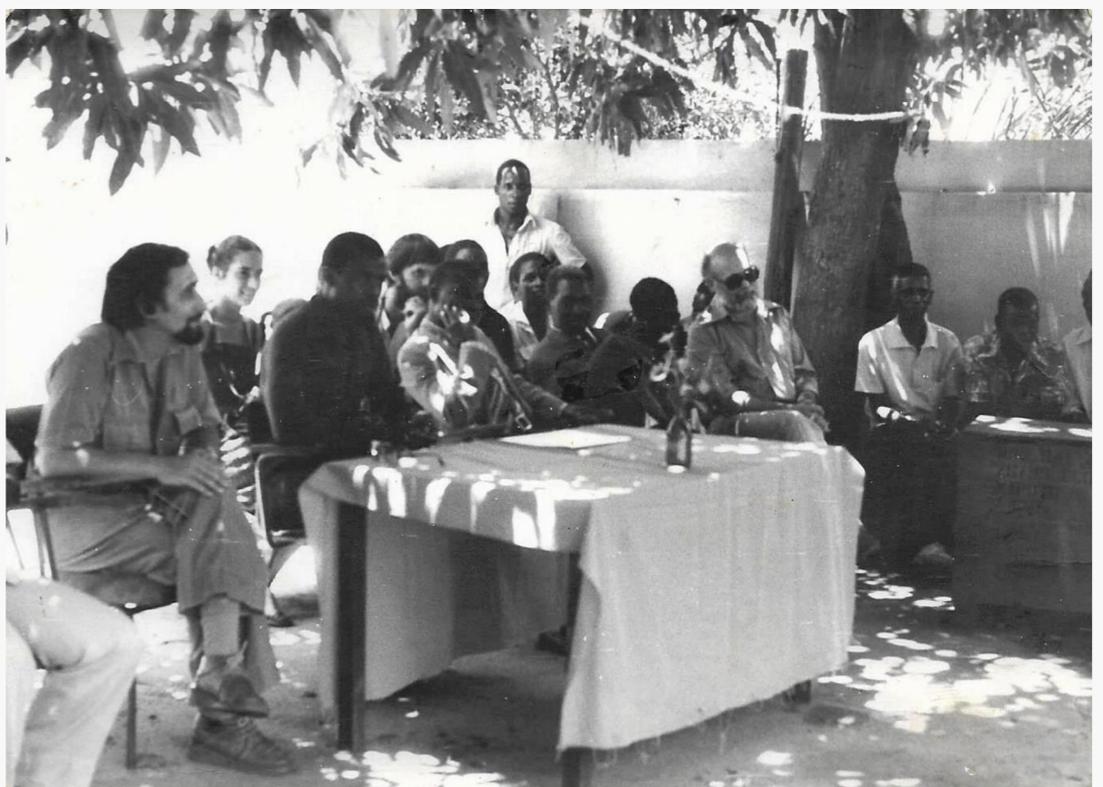
Em 1980, num encontro ocasional com Jaime Conde e Camilo Mortágua no consulado português no Rio de Janeiro, é convidado para integrar um projecto de cooperação em Moçambique. Aceitou e partiu para a Ilha de Josina, uma ilha fluvial na província de Maputo. Solidário com a luta do povo moçambicano e admirador de Samora Machel envolveu-se entusiasticamente no trabalho num período de guerra civil.

As dificuldades da população local eram imensas. Começou por viver numa tenda. Foi começar praticamente do nada – arranjar sementes e cultivar, construir casas, uma ponte... Era uma vasta região, que obrigava a uma grande dedicação, percorrendo distâncias enormes para apoiar a população pobre, sujeitos às embocadas e às surtidas da RENAMO, mas ao fim de alguns meses os resultados apareciam, as colheitas proporcionavam alimento à população, vencendo-se a fome.

**“Sem trabalho e sem direitos políticos, parti para Moçambique, onde estive integrado num projecto de apoio a organização de cooperativas do setor familiar da agricultura. Foi um tempo muito feliz. Gostei de voltar ao contacto com a terra e os camponeses e, acima de tudo, sentir-me útil, perceber que o meu trabalho e a minha experiência podiam melhorar a vida das pessoas”**



Confraternização com a população



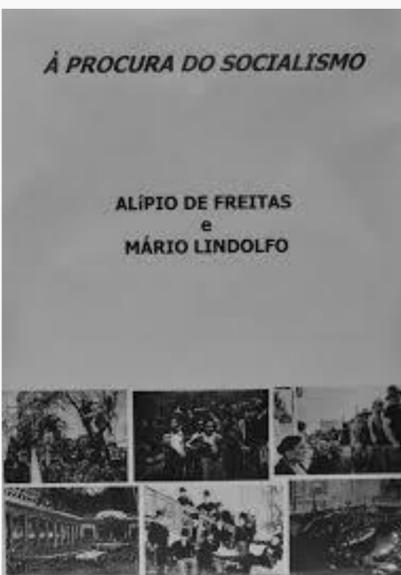
Sessão com camponeses

# O regresso a Portugal: jornalista, activista social, professor (1984-2017)



De Moçambique, Alípio regressou ao Brasil. O cenário político-partidário tinha mudando muito e não se revia nas tensões e conflitos entre as diferentes formações à esquerda. Volta a Portugal e, a convite de João Tito de Moraes, entra na RTP. Bem acolhido e respeitado, participa em 1984 no programa Fim de Semana com Carlos Pinto Coelho, Mário Zambujal e José Nuno Martins. Integra a Comissão de Trabalhadores, eleito numa lista de esquerda por mais de 1500 dos 2000 trabalhadores e aí se manteve durante vários anos.

Colabora com o CIDAC numa linha de formação em educação para o desenvolvimento que foi ao tempo completamente pioneira.

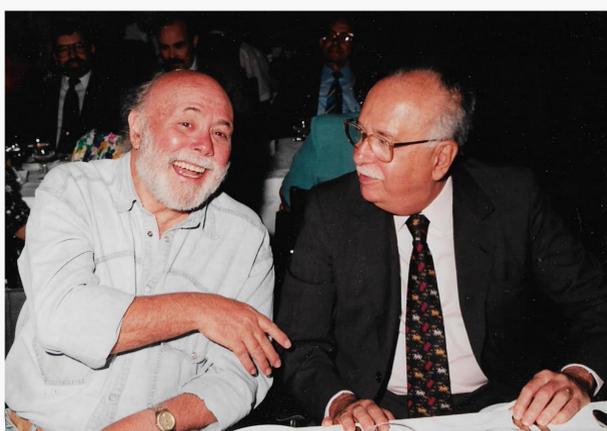


Cartaz do documentário realizado para a RTP. Regresso ao Brasil, visitando a prisão de Santa Cruz, onde estivera detido



Trabalhou na RTP até 1994, onde reconhece ter aprendido muito profissionalmente e no relacionamento com os colegas. O último documentário que fez, nesse ano, em colaboração com Mário Lindolfo, foi “À procura do socialismo”, uma história do socialismo que desembocava no período revolucionário de 1974-75 e que terminava, de modo cáustico e irónico com “A década de Salomé”, uma canção de José Afonso, reportando-se à adesão europeia. A RTP tem resistido à sua exibição, tendo até alegado o seu desaparecimento dos arquivos da televisão pública. Tornou-se desagradável continuar aí.

Em 1991 funda com outros companheiros a Casa do Brasil de Lisboa, de que é o sócio nº 1, desenvolvendo intensa actividade no agrupamento dos imigrantes brasileiros em Portugal, com iniciativas culturais e sociais, mas também políticas, como a campanha pela demissão do adido cultural da embaixada que havia sido porta-voz de Collor de Mello. Foi o primeiro director do jornal Sabiá, editado a partir de 1992.



Com o embaixador José Aparecido de Oliveira



Sócio do Sindicato dos Jornalistas



Com Carlos Pinto Coelho, seu companheiro na RTP

# O regresso a Portugal: jornalista, activista social, professor (1984-2017)

Em 1993, depois da Cimeira da Guerra, na Base das Lajes, onde é decidida a invasão do Iraque, participa da criação da Audiência Portuguesa do Tribunal Mundial sobre o Iraque, uma tribuna de opinião e de denúncia que demonstrou como esse acto desencadeado por parte das potências ocidentais, e com o apoio de governo português da altura, se baseou na mentira, com pretextos inventados e constituiu um acto premeditado de ingerência política e de natureza belicista.

Vai para o Alentejo, reside em Alvito, mantém contacto regular com o Brasil, com velhas amizades, trabalha numa associação de desenvolvimento local, funda e dirige um jornal regional – O Transtagano, mas com o fim do projecto regressa a Lisboa.

Ainda nos anos 90 foi professor na Universidade Lusófona leccionando cadeiras de Ciência e Economia Política. Em 2008 apadrinha o doutoramento “honoris causa” em Museologia que a Universidade atribuiu a Gilberto Gil, então ministro da Cultura do Brasil.

Em 2000 é condecorado com a Ordem da Liberdade pelo Presidente Jorge Sampaio, em reconhecimento de uma longa vida dedicada ao combate pela liberdade e pela justiça social, em múltiplas frentes mas sempre firme nas convicções e nos valores.



Com Gilberto Gil



Na atribuição do “Honoris Causa” a Gilberto Gil, na Universidade Lusófona de Lisboa, 2008



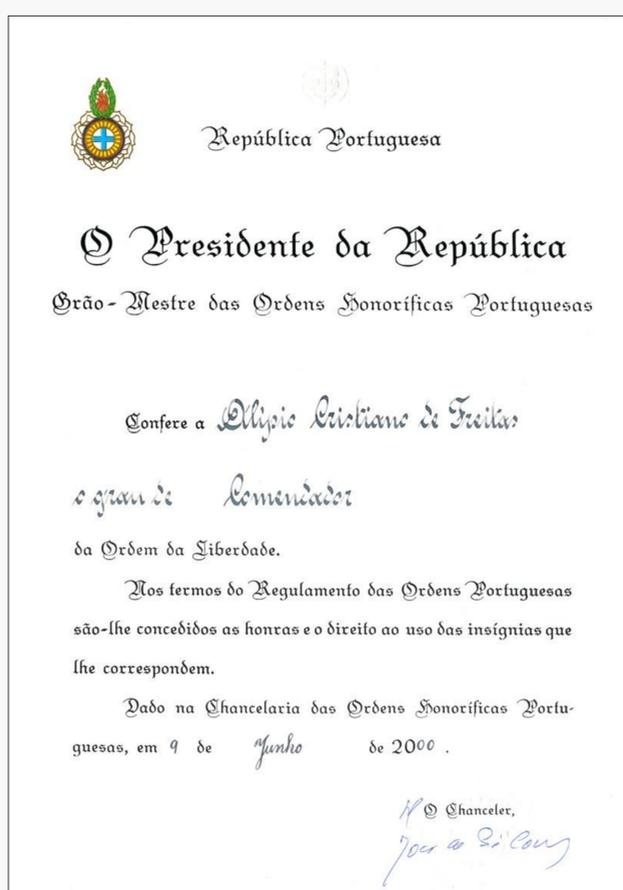
Debate sobre “Construção de Memórias” Universidade Lusófona de Lisboa, 2016



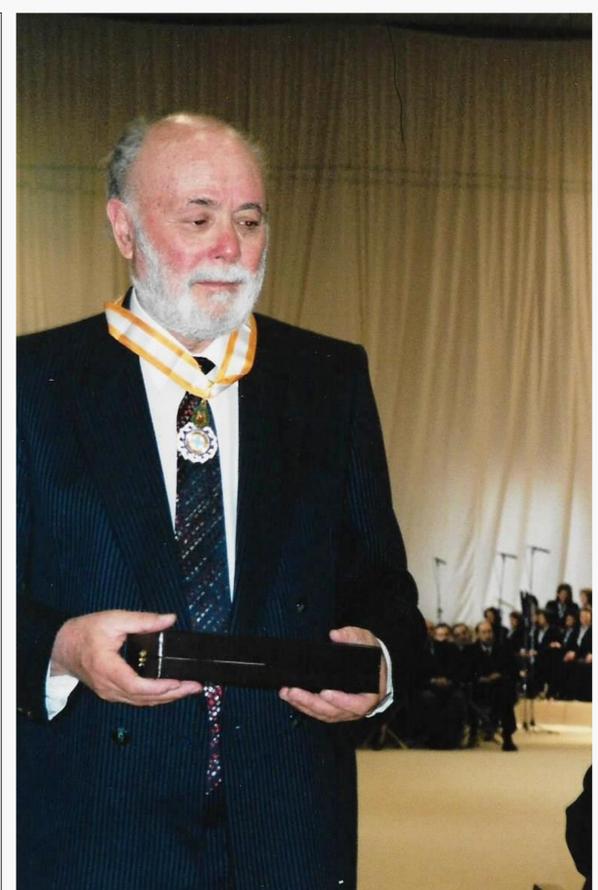
Em casa, no Alvito



Fórum Social Mundial Porto Alegre, 2012



Comendador da Ordem da Liberdade, 2000



# O regresso a Portugal: jornalista, activista social, professor (1984-2017)



Diploma atribuído pela Assembleia legislativa do Estado de Maranhão, 2009



Diploma designando Alípio como "Voz de Abril" atribuído pela Associação 25 de Abril, 2008

Em 2006, é eleito Presidente da Direcção da Associação José Afonso, de que fora um dos fundadores. Alípio de Freitas assume este cargo numa altura particularmente difícil da vida da associação e é consigo que se inicia um processo de recomposição na divulgação da obra musical e do exemplo cívico de José Afonso.

**"Fiz uma grande amizade, tinha uma grande sintonia com o Zeca, eramos mesmo irmãos gémeos. Ele era uma pessoa notável, uma grande alma. É uma pessoa de quem eu tenho muita saudade mesmo. (...) para mim, é uma pessoa que não morreu. É um dos meus ícones, é uma pessoa com quem eu às vezes até penso que posso conversar. Não o consigo ver morto..."**

Reconhecido como Voz de Abril pela Associação 25 de Abril, em 2008, titulado Cidadão Maranhense pela Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão, em 2009, membro da Associação Abril, militante do PS nos anos 90 e, depois, apoiante do Bloco de Esquerda desde 1999, colaborador do CIDAC, activista pela libertação do jovem angolano Luaty beirão, em 2015, tomou parte activa no apoio a Sampaio da Nóvoa nas eleições presidenciais de 2016, sempre interventivo na Associação José Afonso, eleito presidente honorário do Clube da Natureza de Alvito e em 2017, aos 88 anos, convidado para presidente de honra da Liga dos Camponeses Pobres do Brasil, país com que nunca perdeu contacto e a que o continuam a ligar laços fortes.



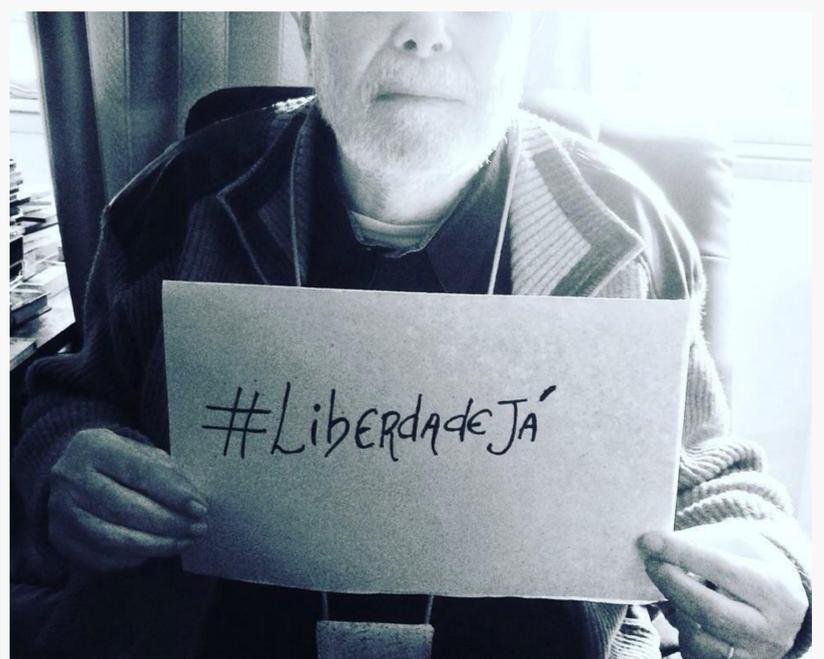
"Éramos mesmo irmãos gémeos"



Presidente honorário do Clube da Natureza do Alvito

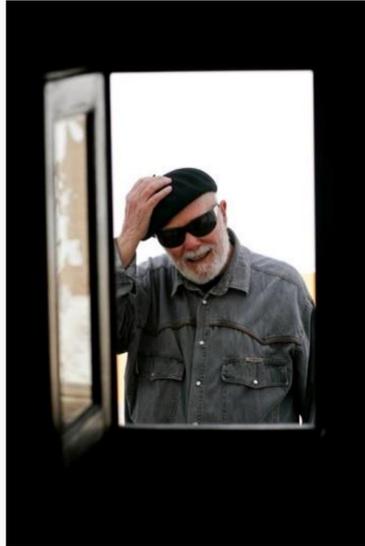


Apoio a Sampaio da Nóvoa, eleições presidenciais 2016



Pela libertação de Luaty Beirão, 2015

# A Utopia como norte: “Sinto que nada está perdido...” (2017-)



“Acho que vivi uma vida que valeu a pena. Foi difícil ser senhor do meu projecto de vida, mas julgo que consegui. Li muito, pensei, conheci as pessoas e os seus problemas, as injustiças e as desigualdades, escolhi ficar do lado dos que não têm poder, dos que sofrem”

“(…) mais do que tudo sou um andarilho e um agitador social dedicado às causas do povo. A minha pátria é a luta do povo. O meu objectivo de vida a construção da Utopia”



“Tenho para mim aquela norma do Brecht: «um luta um dia, outro luta outro dia. Os imprescindíveis são os que lutam todos os dias até ao fim da sua vida». Eu quero ser um desses imprescindíveis”



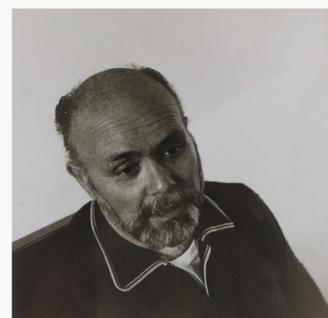
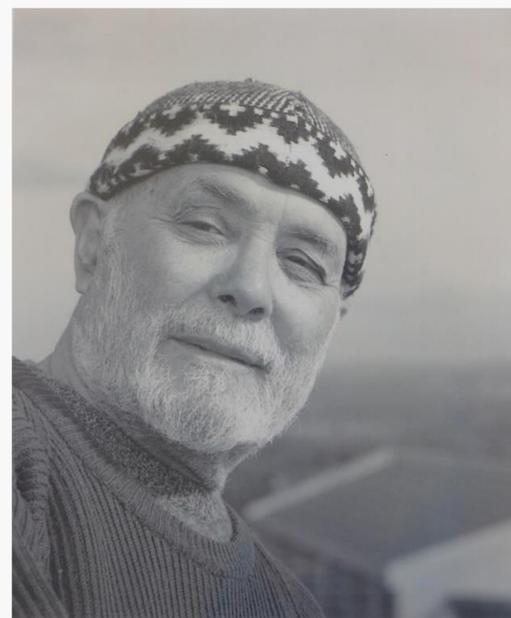
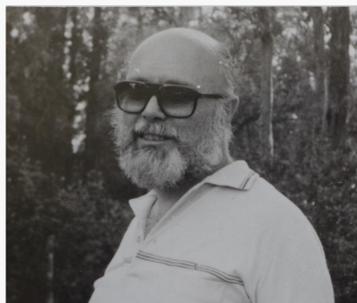
Evocação de José Afonso, nos 25 anos da sua morte



Com a irmã e a filha Luanda



Com Guadalupe, sua companheira



## Ficha técnica

Coordenação de Ana Sofia Ferreira e João Madeira

Design Gráfico de Helena Fonseca

Fotografias de: António Pedro Santos, Alfredo Cunha, Xico da emilinha, Anália Gomes, Luanda Cozetti, João Grazina, outros não identificados.

Um agradecimento particular a Guadalupe Portelinha; a Mário Moutinho e Judite Primo, do Dep. de Museologia da Universidade Lusófona; a Maria Paula Araújo, professora e Bárbara Fuentes, estudante de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro; a Francisco Martinho, professor e Gustavo Zilli, estudante de graduação da Universidade, de S. Paulo; a Camilo Mortágua, a Arlinda Mártires, a Ana Cristina Câmara, à Casa do Brasil de Lisboa e ao Sindicato dos Jornalistas.

Para a elaboração desta exposição foram ainda fundamentais o conjunto de artigos:

“Uma vida que dava um livro”, de Ana Cristina Câmara, publicados no semanário Sol, em 2010; Alípio de Freitas em nome do Homem, de José Carlos Vasconcelos e Vânia Silva, Visão 3 de Abril de 2014, “Alípio de Freitas, Palavras de amigos”, organização de Reinaldo Ribeiro e Guadalupe Magalhães Portelinha, Edições Pangeia, 2017 e “Resistir é Preciso”, de Alípio de Freitas, Âncora, 2017.

